

CEDI - P. I. B.
DATA 29 09 86
COD. APD41

NEGAÇÃO NO APURINÃ

WILBUR N. PICKERING

Instituto Lingüístico de Verão

Tradução de Mary L. Daniel

Negação no Apurinã

Wilbur N. Pickering

Instituto Lingüístico de Verão

Tradução de Mary L. Daniel

A presente análise dos processos de negação na língua Apurinã¹ tem por objetivo principal uma apresentação verdadeira e completa de tais processos à base de dados representativos, sem se perderem de vista considerações teóricas. Os seguintes assuntos são aqui tratados: negação no nível de supra-sentença, negação no nível de sentença, negação de constituintes, negação de tema, e elevação de negativo.

1. Negação de supra-sentença.

Típico é a seguinte saudação ou início de conversação:

(1) (A) kipa pytxananyta? à qual uma resposta comum é a seguinte:

o que você-fazer--ndo

O que você está fazendo?

(B) kone, na-kakamare-no

não - não-fazedor-eu

Nada, não sou fazedor. (não apresento característica de fazer)

ou talvez a seguinte:

(C) kone, kotary ny-kamananyta

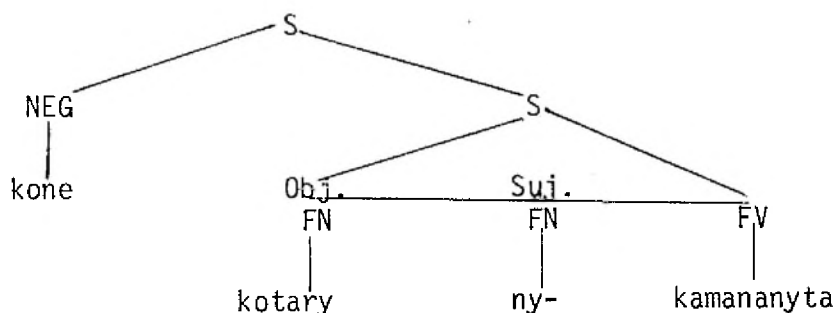
não cesta eu-fazer--ndo

Nada, estou fazendo uma cesta.

A sentença (1) (C) representa um fenômeno que parece fundamental para um bom estilo conversacional na língua Apurinã. Se é possível responder a uma pergunta direta com tema verbal diferente do daquela pergunta, o bom estilo exige que assim se faça; neste caso, a resposta se inicia com kone, forma livre e marcador negativo fundamental --na- é variante presa de kone, proclítico.²

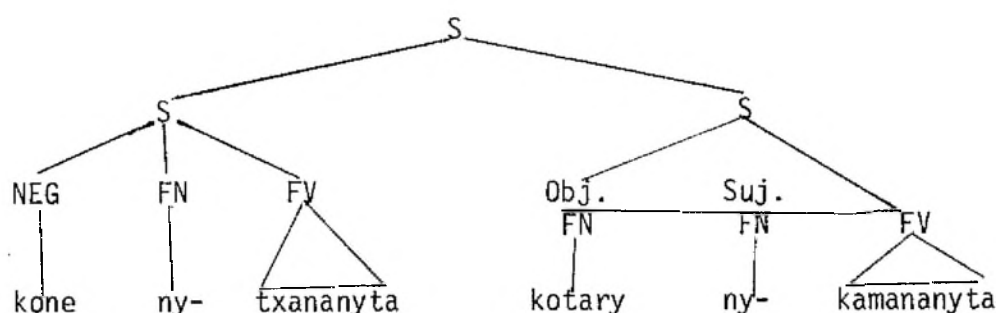
A estrutura subjacente de tal sentença pode ser:

(1) (C')



Com tal árvore, porém, não se pode empregar o conceito de Klima de 'em construção com' para definir o alcance do negativo.³ A verdade é que em tais sentenças kone se relaciona com a sentença anterior, a pergunta, e não a posterior, ou seja a resposta, embora seja parte do enunciado integrado por esta. Poderia repetir-se na árvore o conteúdo da sentença anterior, da seguinte maneira:

(1) (C'')



Mas como defender tal procedimento? E mais, a regra necessária para apagar as FN e FV negadas deveria ser controlada por uma condição definida fora desta árvore. O Apurinã não é único na manifestação deste tipo de construção -- vejam-se também as línguas inglesa e portuguesa:

(3) (A) "Aren't you going downtown with Peter?"

Você não vai à cidade com Pedro?

(B) "No I'm not, I'm going to rest."

Não, não vou, vou descansar.

(C) "No, I'm going to rest."

Não, vou descansar.

(4) (A) Você não vai à cidade com Pedro não?

(B) Não, vou não, vou descansar.

(C) Vou não, vou descansar.

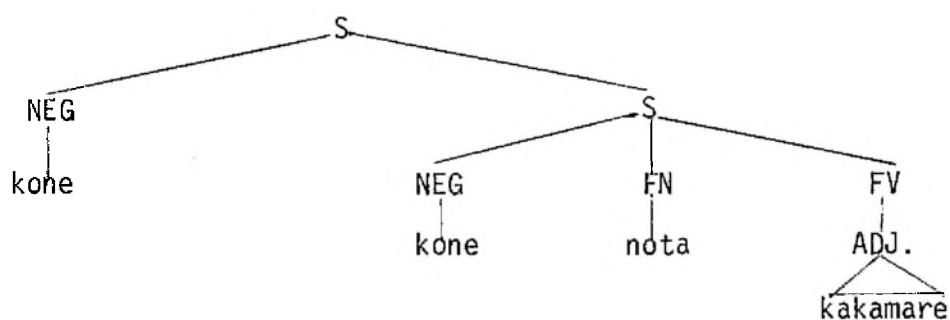
(D) Não, vou descansar.

Parece evidente que deve existir uma maneira de explicar rigorosamente casos como este. Há evidentemente elipse, para reconstruir-se o material elidido o

modelo tem que estender-se para além da sentença. Na medida em que se presta cada vez mais atenção às regras ou relações entre sentenças e através de parágrafos e discursos, torna-se cada vez mais óbvio que, ao serviço de necessidades futuras, há que haver um modelo ou teoria que explique tais regras ou relações. Não compete ao presente estudo estender o modelo G-T neste sentido. Por enquanto abordamos o assunto da negação de supra-sentença na língua Apurinã através da seguinte declaração ad hoc: se NEG apresenta S como braço gêmeado, como em (1) (C'), o alcance de NEG fica fora da árvore.⁴ Não há ambigüidade entre negação de sentença e supra-sentença, pois, estando presentes ambas, dá-se negação dupla, como no caso de (1) (B); estando presente somente negação de supra-sentença, haverá apenas marcador de negação simples em posição inicial e com intonação de vírgula; faltando negação de supra-sentença, pode haver marcador negativo em posição inicial mas sem intonação de vírgula.

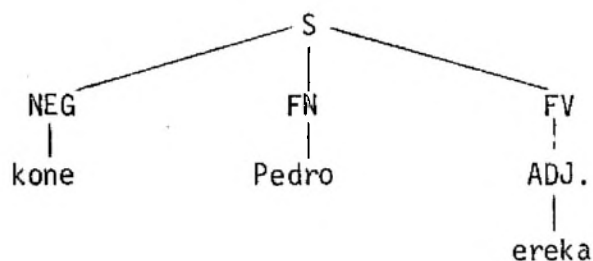
2. Negação de sentença:

(1) (B')



No caso de negação de sentença, podemos utilizar a convenção de Klima na determinação de alcance. A negação no nível de sentença é forma não-marcada, acompanhando geralmente uma estrutura superficial também não-marcada. Em cláusulas estativas não-marcadas, qualquer pronome subjetivo manifesta-se superficialmente como sufixo adjetival; se o pronome subjetivo fosse manifestar-se superficialmente como forma livre, estaria na posição indicada na árvore mas seria marcado, sendo a negação do tipo constituinte e a árvore de forma diversa, como se verá mais adiante. Quando há negação dupla, a segunda ocorrência de kone manifesta-se superficialmente quase sempre como na- proclítico, mas mesmo sem negação no nível de supra-sentença o ne gativizador da sentença costuma manifestar-se na superfície como na- já que é forma não-marcada. Aparecendo kona superficialmente, sugere-se ênfase especial.

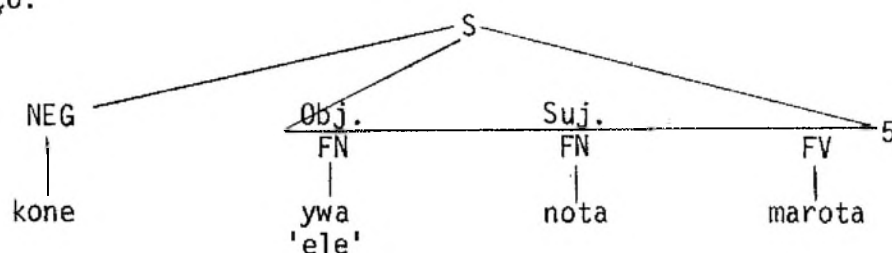
- (5) na-ereka-ry Pedro / kone erekary Pedro
 NEG-bom-ele Pedro
 Pedro não está bem.



Já que a árvore foi construída para ilustrar negação de sentença, Pedro não está enfocado e deve ser deslocado até depois do adjetivo, a qual circunstância exige automaticamente que se supra o sufixo pronominal co-referencial.

Ocorre também negação de sentença no caso de sentenças verbais.

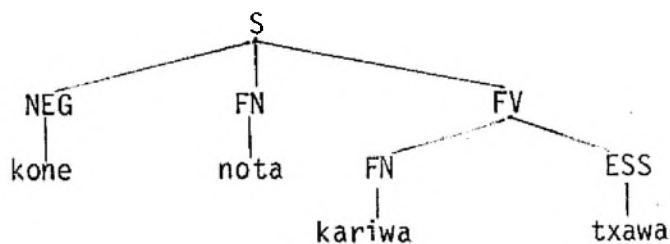
- (6) na-ny-marota-ry
 NEG-eu-conhecê-lo
 Não o conheço.



Mais uma vez, a árvore pede uma estrutura superficial não-marcada, o qual fato neste caso significa que os pronomes devem manifestar-se superficialmente como afixos. Se qualquer dos pronomes fosse manifestar-se superficialmente como forma livre, seria enfocado, dando-se como resultado negação de constituinte. O referente de ywa estaria no contexto anterior.⁶

Negação no nível de sentença pode ocorrer também no caso de sentenças nominais.

- (7) na-kariwa ny-txawa
 NEG-brasileiro eu-ESSIVO
 Não sou brasileiro.



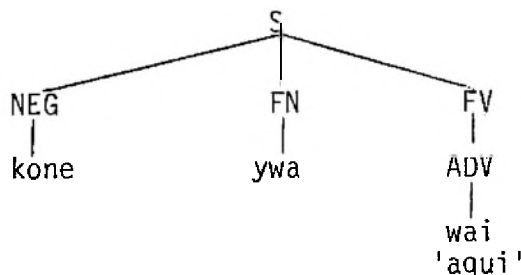
Mais uma vez, por não estar enfocado, nota deve manifestar-se superficialmente como prefixo. Se kone fosse manifestar-se na superfície como kone em vez de na - pode ria representar negação de sentença ou negação constituinte do complemento -- um pouco mais ênfase no complemento evitaria a ambigüidade em favor da negação consti tuinte.

Ocorre negação de sentença também com sentenças adverbiais.

(8) na-i-ry

NEG-aqui-ele

Ele não está aqui.



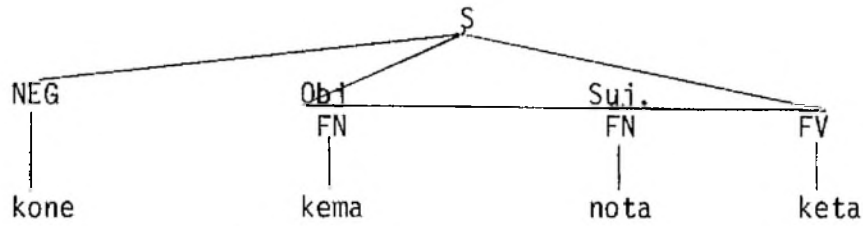
O pronome aparece superficialmente sob forma de sufixo, como nos casos anteriores, e o advérbio se contrai antes de manifestar-se superficialmente. Esta é uma for ma fixa, da qual não existem variantes.

Observa-se que o marcador negativo vem sempre em primeiro lugar no caso da ne gação de sentença. Por isso não há motivo para deslocamento deste elemento na estrutura profunda. Já que a língua Apurinã carece de conjunções⁷ e de perguntas tipo 'estribilho',⁸ não dispomos dos critérios de negação de sentença usados por Klima, e até o momento não se apresentam critérios alternativos de ordem semelhan te. Existindo nesta língua somente um marcador negativo, é escusado tentar estimu lar ou defender a representação de diversas palavras negativas por um só NEG na estrutura profunda. A negação no nível de sentença é a forma não-marcada do NEG e acompanha uma estrutura superficial não-marcada para a sentença. A maneira de explicação e defesa de tal declaração, vejamos o aspecto da negação de constituin tes.

3. Negação de constituintes

Será usada a mesma sentença fundamental para ilustrar os diversos tipos de ne gação constituinte; aparece primeiramente, portanto, com negação de sentença a mo do de ponto de referência ou comparação.

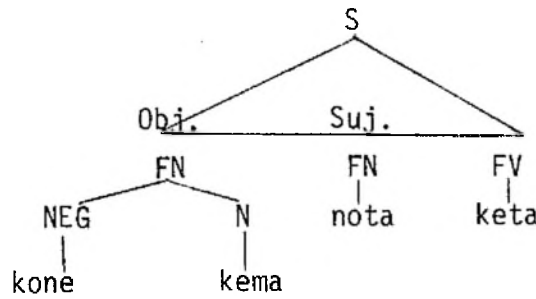
- (9) na-ny-keta-ry kema
 NEG-eu-atirar-em-ela anta
 Eu não atirei na anta.



Como em (5), kema deve ser deslocado com referência ao verbo, o qual leva então sufixo co-referencial. Já que nota não é enfocado, manifesta-se superficialmente como prefixo.

O objeto pode ser negado.

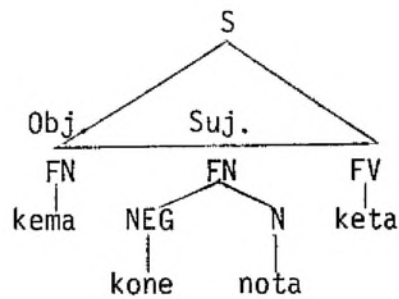
- (10) kone kema ny-keta / na-kema ny-keta
 NEG anta eu-atirar-em
 Não foi anta aquilo em que eu atirei.



NEG pode manifestar-se superficialmente como kone ou na-, mas é preferível a forma livre. Aqui o objeto é enfocado e por isso não se desloca. Sendo o sujeito um pronome não-enfocado, manifesta-se na superfície em forma de prefixo.

O sujeito pode ser negado.

- (11) kone nota keta-ry kema / na-nota keta-ry kema
 NEG eu atirar-em-ela anta.
 Não fui eu quem atirou na anta.



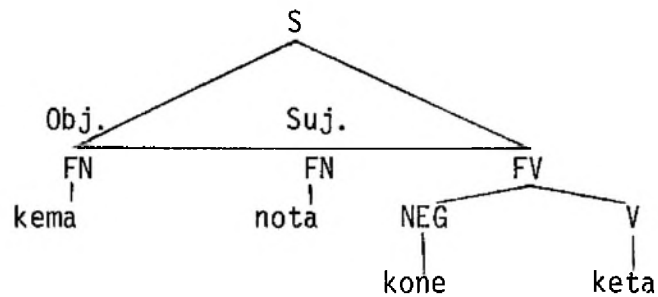
Sendo enfocado o sujeito, não se reduz a afixo; o objeto, portanto, deve deslocar-se com relação ao verbo.

O verbo pode ser negado

(12) kone keta ny-txa-ry (kema) / na-ketany=txa-ry (kema)

NEG atirar-em en-#-ela anta

O que eu fiz ã anta não foi atirar nela.



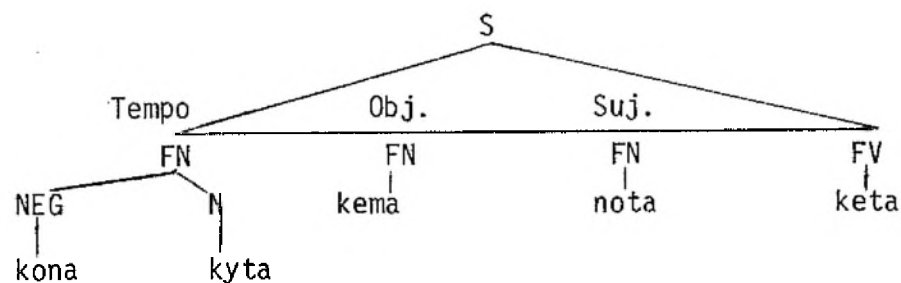
A presença do verbo simulado txa ẽ absolutamente previsível na base desta estrutura arboriforme e pode ser proporcionada presumivelmente por uma regra T. Igualmente prognosticáveis são o deslocamento do objeto e a flexão do verbo simulado. Na realidade, a sentença (12) sõ pode ocorrer num contexto no qual jã tenha sido introduzida a anta, no qual caso kema não apareceria normalmente na estrutura superficial -- o sufixo objetivo se refereria claramente ã anta anteriormente apresentada.

Constituintes não-nucleares podem ser negados

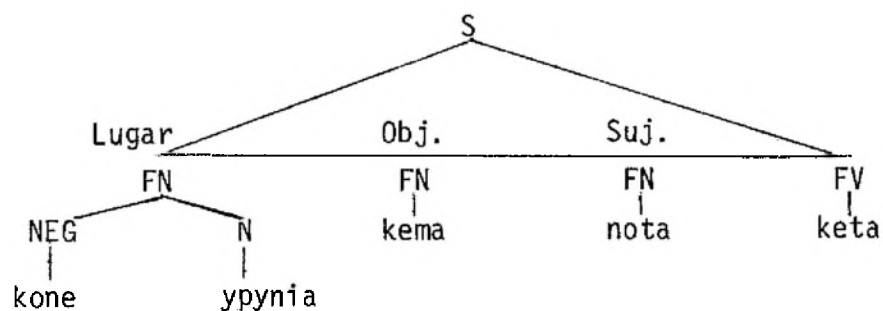
(13) kone kyta ny-keta-ry (kema)

NEG ontem eu-atirar-em-ela anta

Não foi ontem que eu atirei na anta.

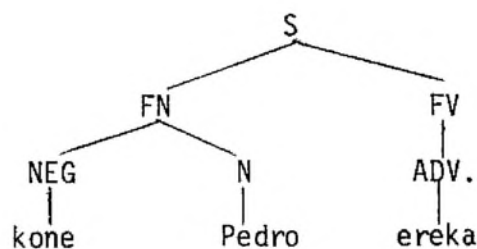


- (14) kone ypynia ny-keta-ry (kema).
 NEG a-outra-margem eu-atirar=em-ela anta
 Não foi na outra margem que eu atirei na anta.



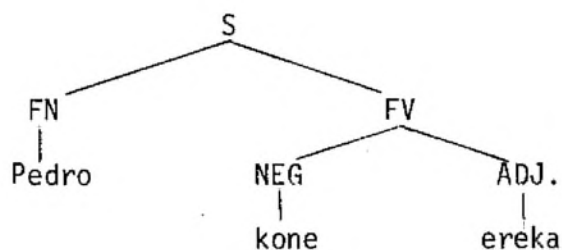
Os exemplos até agora citados são de sentenças verbais, mas negação de constituinte ocorre também com sentenças adjetivas. Vejamos aquela já analisada em (5).

- (15) kone Pedro ereka
 NEG Pedro bom
 É Pedro que não está bem.



O predicado pode ser negado.

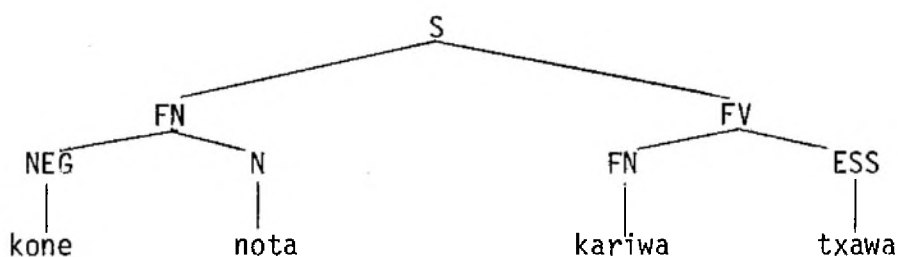
- (16) kone ereka y-txa Pedro
 NEG bom ele- # Pedro
 Bem é o que Pedro não está.



Como no caso de (12), a presença de verbo simulado é prognosticável na base da árvore, como são também o deslocamento do sujeito e a flexão simulada.

Pode ocorrer negação de constituinte também com sentenças nominais. Este fato já foi referido na análise de (7). O sujeito também pode ser negado.

- (17) kone nota kariwa txawa
 NEG eu brasileiro ESSIVO
 Não sou eu que sou (quem é) brasileiro.



Como no caso da negação de sentença, NEG aparece em primeiro lugar na ordem linear, mas, à diferença da negação de sentença, manifesta-se geralmente na superfície como kone. O constituinte negado segue imediatamente a NEG, aparecendo os outros constituintes em forma não-marcada. É pelo fato de um constituinte marcado em presença de NEG enfocar a negação do referido constituinte, que se afirma que a negação de sentença ocorre somente com estrutura superficial não-marcada, i.e. sem constituinte marcado. A negação de sentença e a de constituinte, estão intimamente ligadas, porém, como se vê, pelo fato de elas não poderem co-ocorrer. A diferença entre as duas estriba no alcance da negação,

assinalando-se tal distinção através da sintaxe. Uma parte da diferença entre estas e a negação temática (v. abaixo) também diz respeito às sem alcance respectivo, assinalado mais uma vez pela sintaxe.

Já se notou que a língua Apurinã carece de conjunções e de perguntas tipo 'estribilho'. Não carece, porém, de recursos para obtenção do mesmo efeito. Consegue-se o equivalente da pergunta 'estribilho' em Apurinã, mediante formulação de uma pergunta direta, a qual é respondida pelo falante mesmo com intonação conjetural, usando-se 'não' como estribilho positivo e 'sim' como estribilho negativo. P. ex., 'Você não vai à cidade, vai?', seria em Apurinã 'Você vai à cidade? Não.'

Hã nítidas diferenças no alcance da negação, as quais são marcadas claramente pela sintaxe. Existem também restrições de co-ocorrência de formas negativas, e estas são apresentadas a seguir sob rótulo de negação de tema.

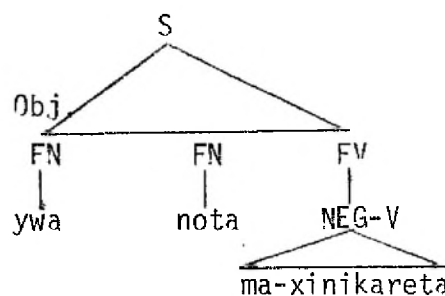
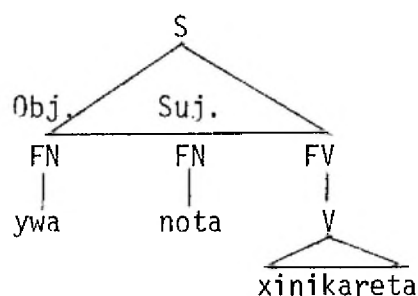
Concordância negativa e

4. Negação temática e concordância negativa

Embora a negação de tema possa ocorrer sem concordância, haverá geralmente flexão sugestiva desta. Vejamos primeiro o aspecto da negação temática, deixando para a seção seguinte, as considerações relativas a concordância, que forem surgindo.

4.a. Negação de tema. Temas verbais podem ser negados.

- | | | | |
|------|------------------|----|---------------------|
| (18) | ny-xinikareta-ry | VS | ny-ma-xinikareta-ry |
| | eu-lembrã-lo | | eu-NEG-lembrã-lo |
| | Eu o lembrei | | Eu o esqueci. |



Em tal construção parece haver uma íntima relação entre NEG e o tema (p. ex., o indício morfológico de ser-ma parte do tema); por isso, o resultado, em vez de tema negado, é um tema negativo que pode ser considerado oposto à sua contraparte positiva. Para muitos conceitos, a única maneira de expressar o contrário é através de um tema negativo. Dã-se maior evidência da função de tema negativo como entidade pelo fato de ele poder ser negado com negação de sentença.

(19) na-ny-xinikareta-ry VS na-ny-ma-xinikareta-ry
 NEG-eu-lembrã-lo NEG-eu-NEG- lembrã-lo
 Eu não o lembrei Eu não o esqueci.

(A negação de sentença é afixada como em (6)). Mas não pode haver negativo duplo num só nível. P.ex.:

(20) *kone kone ny-kama-ry / kone na-ny-kama-ry
 NEG NEG eu-o-fiz
 Eu não o fiz.

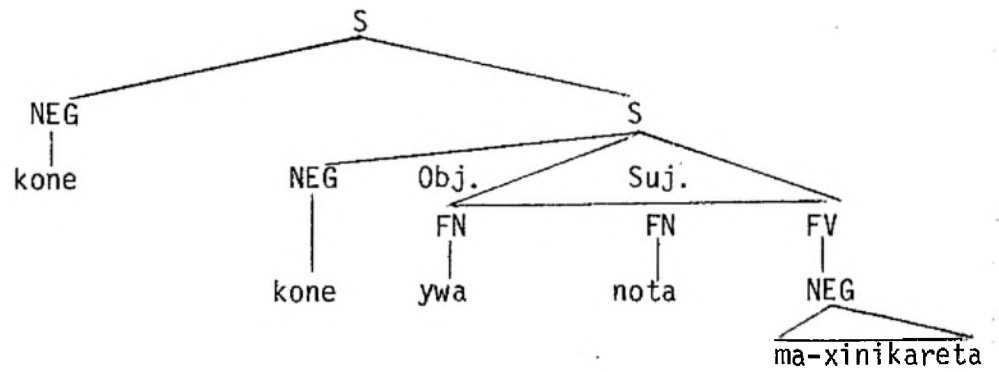
Para negar um negativo, deve-se usar o tema negativo. Assim:

(21) (A) na-py-xinikareta-ry
 NEG-você-lembrã-lo
 Você não o lembrou.
 (B) na-ny-ma-xinikareta-ry
 NEG-eu-NEG-lembrã-lo
 Eu não o esqueci (não-lembrar).
 (C) * kone na-ny-xinikareta-ry

Naturalmente, pode-se responder a tal acusação com uma declaração equivalente a "juro que lembrei...". Na análise de concordância na seção que segue, dar-se-ã mais evidência do fato do tema negativo conter negação. Vale a pena no tar de passagem que uma sentença simples pode conter negação a três níveis.

P.ex.:

(22) (A) py-ma-xinikareta-ta-ry?
 você-NEG-lembrar-INT-o
 Você o esqueceu?
 (B) Kone, na-ny-ma-xinikareta-ry
 NEG, NEG-eu-NEG-lembrã-lo
 Não, eu não o esqueci.



Temas adjetivais podem ser negados.

(23) ereka-ry Pedro

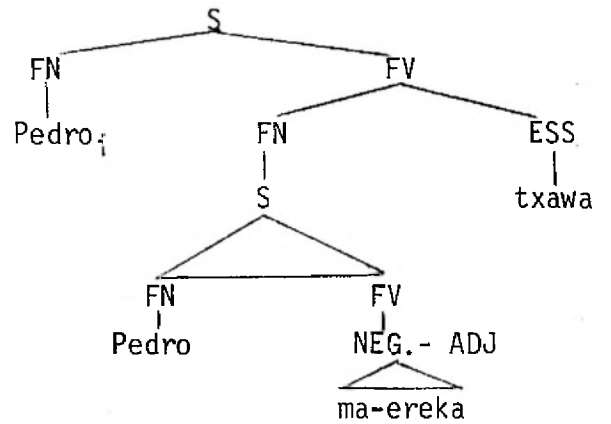
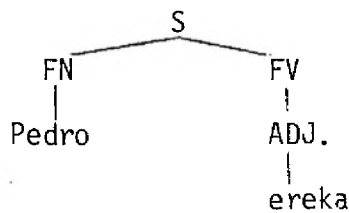
bom-ele Pedro

Pedro ē bom / Estā bem.

VS ma-ereka-ty ytxawa Pedro

NEG-bom-ele ESS. Pedro

Pedro ē ruim.



O tema adjetival positivo pode funcionar como predicado independente, ao passo que o tema negativo não pode fazer tal coisa; na sentença acima referida, funciona na qualidade de frase nominal mas pode também funcionar como adjetivo modificador de substantivo em sentenças verbais.¹⁰ Para negar um predicado adjetival independente, deve-se usar negação de sentença, como em (5). Embora, os temas verbais negativos possam funcionar como predicados independentes, são na maioria dos casos formas dependentes - condicionais, gerúndios ou cláusulas relativas.

Os temas verbais podem ser adjetivados e negados.

(24) ka-kama-re-ry Pedro

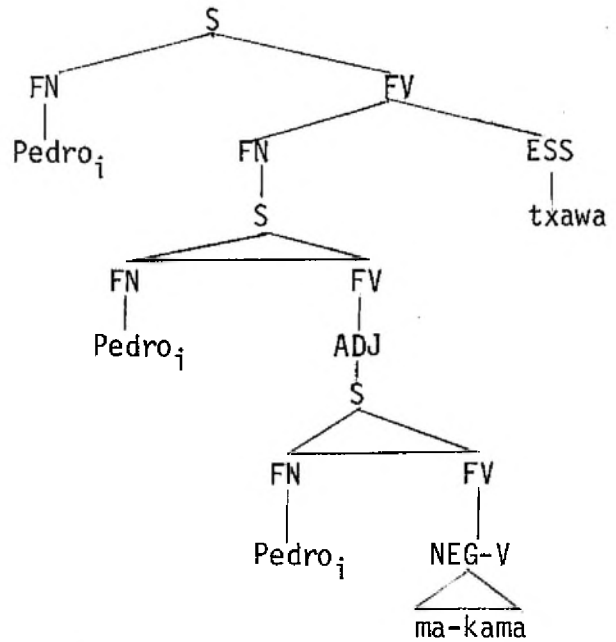
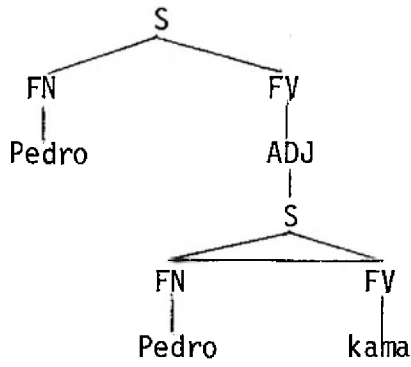
pos-fazer-ADJ-ador-ele Pedro

Pedro ē fazedor (homem de ação)

VS ma-kawa-re-ty ytxawa Pedro

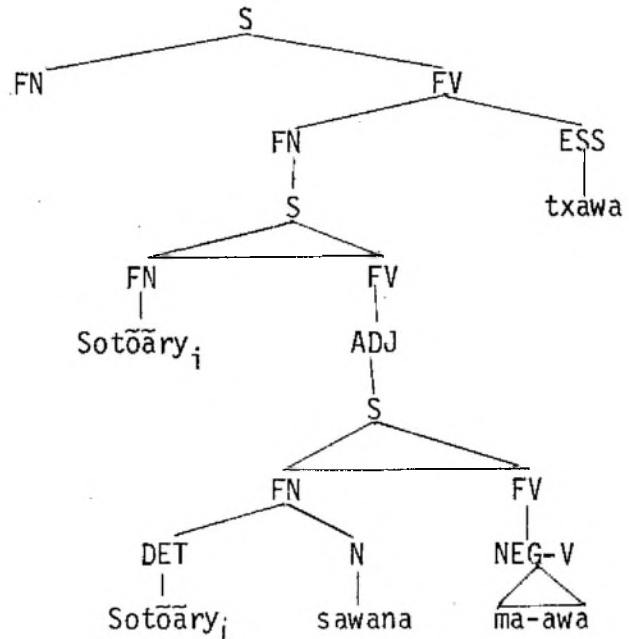
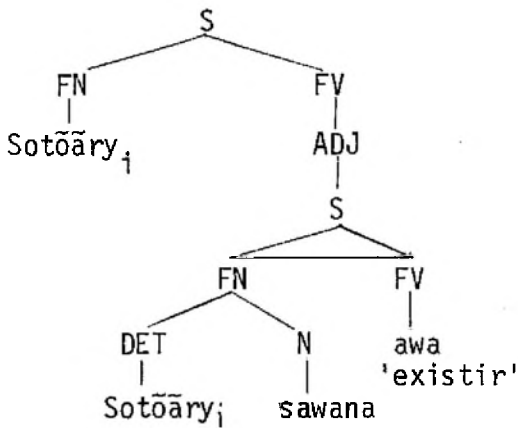
NEG-fazer-ADJador-ele ESS Pedro

Pedro ē mandrião.



A redução de cláusula verbal a adjetivo é análoga a relativização, com necessidade adicional de afixação dos formativos adjetivais: ka - re para temas positivos e ma - re para temas negativos.¹¹ Temas nominais podem ser adjetivizados e negados.

- (25) ka-sawana-ry sotõãry VS ma-sawana-ty ytxawa sotõãry
 pos-ADJador-leito-ele cõrrego NEG-ADJador-leito-ele ESS cõrrego
 O cõrrego tem leito. O cõrrego não tem leito.



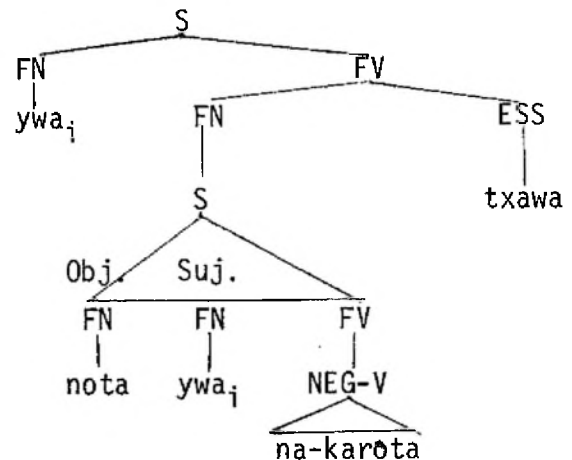
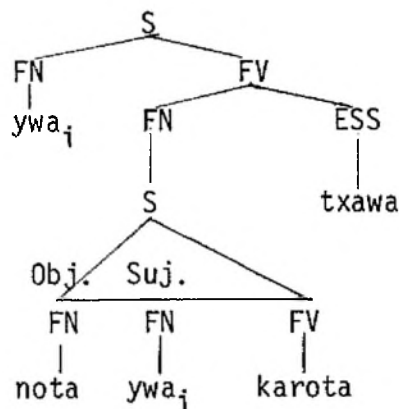
Neste caso a regra de redução deve ser definida de modo que se suprima o verbo, awa: Com temas nominais, um sô afixo assinala tanto adjetivização quanto polaridade. Como no caso dos verbais, os adjetivos positivos e negativos (derivados ou não) levam negação de sentença.

- (26) na-ka-sawana-ry Sotõãry VS na-ma-sawana-ty ytxawa Sotõãry
 NEG-ADJador-pos-leito-ele cõrrego NEG-ADJador-NEG-leito-ele ESS- cõrrego
 O cõrrego não tem leito Não é verdade que o cõrrego não tenha leito.

Temas nominais não podem ser negados. As frases nominais derivadas de verbos ou adjetivos negativos mediante nominalização formam a única contraparte nominal aos elementos anteriores. Já que tais formas implicam sempre em concordância, vale a pena analisarmos também este aspecto.

4.b. Concordância negativa. Uma cláusula verbal pode ser nominalizada em uma de três maneiras, cada uma das quais representada por uma forma positiva e uma negativa; há ainda outras maneiras de nominalizar cláusulas verbais, mas não cabem aqui por carecerem de formas negativas. O sujeito ou agente pode ser cifrado.

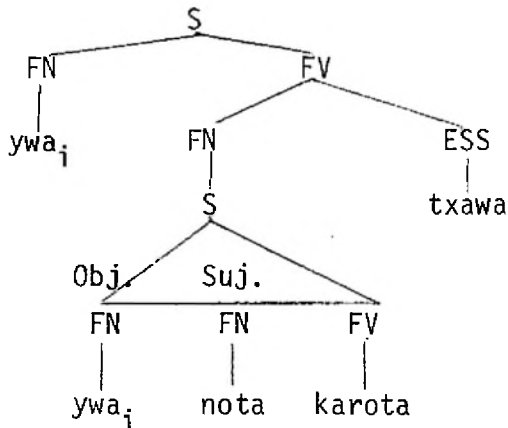
- (27) ny-karota-kary y-txawa VS ny-ma-karota-katy y-txawa
 meu-ofensor-ele-ESS meu-NEG-ofensor-ele-ESS
 É ele quem me feriu. É ele quem não me feriu.



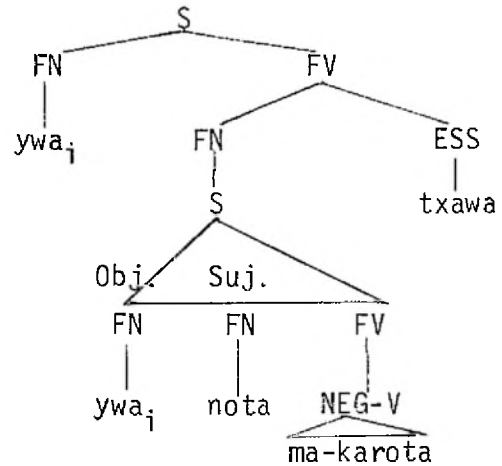
Analisam-se em outra seção 12 a nominalização em sentenças verbais e a escolha de estruturas subjacentes.

O objeto ou paciente pode ser cifrado.

(28) ny-karota-kyty y-txawa
 meu-ferido-ele-ESS
 É ele que eu feri.

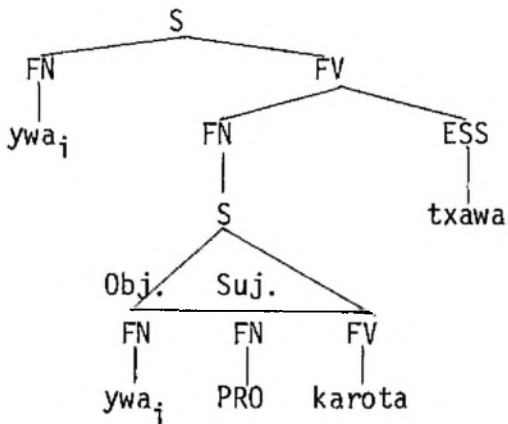


VS ny-ma-karota-kynty y-txawa
 meuNEG-ferido ele-ESS
 É ele que eu não ofendi.

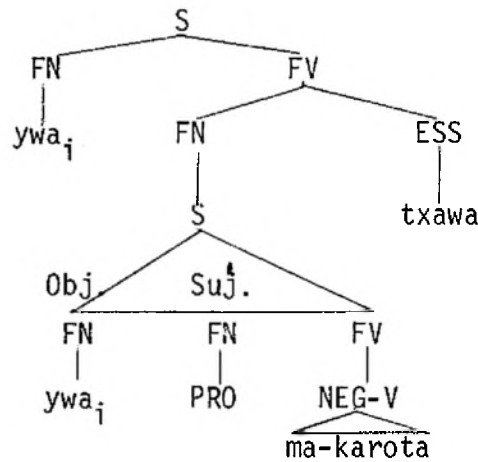


O objeto ou paciente pode ser cifrado de maneira diversa.

(29) karota-kory y-txawa
 ferido-ele-ESS
 Ele é um ferido.
 (i.e., ele é dos feridos)



VS ma-karota-koty y=txawa
 NEG-ferido ele-ESS
 Ele é um não-ferido
 (i.e., ele não é dos feridos)



Aqui o uso de PRO seria análogo àquele sugerido na nota 9: é suprimido (um elemento é acrescentado pelo autor porque é insólita uma cláusula transitiva sem sujeito). Em cada caso é a FN co-referencial na S encaixada que se reduz a sufixo no V. Já que o resultado é uma forma nominal, a FN restante se

torna possessor, exceto no caso de (29) onde não há tal elemento.

Vejamos agora os sufixos: -kary vs -katy, -kyty vs -kynyty, -kory vs -koty. Em todos os casos, a vogal final marca gênero: y masculino e o feminino. Em geral, r assinala concordância positiva e t concordância negativa, exceto no caso das formas de paciente possuído, onde as contra-partes são t e nyt respectivamente; estas últimas estarão sempre associadas à vogal y anterior. Das primeiras vogais, a marca agente possuído, y paciente possuído, o paciente abstrato ou não-possuído. Parece que estes sufixos nominalizadores conservam o caso, gênero, número (embora os já mencionados sejam singulares, há formas plurais correspondentes), possessão e concordância da FN. Interessa-nos aqui a concordância - a presença de ma - no verbo exige escolha do marcador apropriado de concordância negativa, ao passo que sua ausência pede o marcador de concordância positiva apropriado (em termos de caso e possessão). Vejam-se:

(30) (A) na-karota-kory y-txawa (negação de sentença)

NEG-ferido ele-ESS

Ele não é um ferido (dos feridos)

(B) ma-karota-koty y-txawa (negação de tema)

NEG-ferido ele-ESS

Ele é um não-ferido (dos não feridos)

Das glosas em português poder-se-ia concluir que as duas sentenças são sinônimas, ilustrando um caso de transportação de NEG, mas tal não é o caso. (B) seria usado para fazer uma observação e (A) para contradizer a afirmação de outra pessoa ou responder a uma pergunta; caso semelhante é o das suas contrapartes em (27) e (28) e, em grau menor, as de (24), (25). Assim, parece que a escolha entre estruturas profundas não é nem facultativa nem insignificante.

Nos exemplos de nominalização acima citados, vimos apenas cláusulas transitivas, mas quatro dos referidos sufixos ocorrem também com verbos intransitivos.

(31) awa-kary

ser (m.)

um que existe

VS ma-awa-katy

NEG-ser (m.)

um não existente

- | | | |
|--|----|---|
| (32) kãkyty awa-kyty
gente estar-LOC.
onde a gente está/mora | VS | kãkyty ma-awa-kynty
gente NEG-estar-LOC.
onde a gente não está/mora |
|--|----|---|

Em (31) a possessão não é relevante (não há objeto subjacente) mas os outros elementos são essencialmente iguais aos da sua contraparte transitiva. Em (32), porém, o elemento locativo desempenha papel de paciente, sendo possuído embora não sejam relevantes gênero e número. Mais uma vez, a presença de ma- no verbo exige concordância negativa e a ausência deste elemento concordância positiva.

Uma cláusula adjetival pode ser nominalizada de uma só maneira que inclui concordância, sendo ilustradas já as formas essenciais em (23). ereka-ry e ma-ereka-ty são simultaneamente frases adjetivais e nominais. A sua distribuição determina quando desempenham uma ou outra destas funções (ereka-ry pode também ser cláusula). Na qualidade de FNs, os sufixos conservam gênero, número e concordância. A presença de ma- no tema adjetival exige concordância negativa, t, e sua ausência concordância positiva, r.

Vê-se a concordância principalmente nas cláusulas dependentes. Já se analisou um dos tipos fundamentais de tal cláusula - as formas nominalizadas ou relativizadas. Vejamos agora o outro tipo principal - os gerúndios e cláusulas condicionais.

- | | | |
|--|----|--|
| (33) nota awa = ynia
eu estar-se/jã que
Se/jã que estou (aqui) | VS | nota ma-awa-kania
eu NEG-estar-se/jã que
se/jã que não estou (aqui) |
| (34) nota awa-kasaaky
eu estar-se/quando
Se/quando eu estiver (aqui) | VS | nota ma-awa-nasaaky
eu NEG-estar-se/quando
Se/quando eu não estiver (aqui) |
| (35) (A) nota awa-ini
eu estando
(m)eu estar (aqui) | VS | nota ma-awa-kany
eu-NEG-estando
(m)eu não estar (aqui) |
| (B) ny-apa-ini-ry
eu-buscando-o
(m)eu buscã-lo | VS | ny-ma-apa-kany-ry
eu-NEG-buscando-o
(m)eu não o buscar |

(36) wereka-iko-ã	VS	ma-wereka-ko-nia
ensinador-com		NEG-ensinador-com
com professor =		sem professor =
(se houver professor)		(se não houver professor)

Os afixos condicionais se apresentam em duas séries, a positiva e a negativa. Parece não haver diferença semântica entre elas - trata-se simplesmente de concordância. Mais uma vez, a presença ou ausência de ma- determina a escolha. (35) ilustra o gerúndio, o qual é -ma entidade singular pelo fato de poder levar flexão como verbo ao passo que desempenha nas sentenças função de frase nominal. Manifesta concordância em qualquer caso. Embora (36) não seja morfologicamente uma cláusula condicional, funciona como tal, e apresenta concordância. A série de exemplos acima enumerada, é de importância neste estudo pelo fato da negação temática ser o único tipo de negação nela possível. kone ou na- não pode ser introduzido na série (33)-(36). ma-awa-kania é contraparte negativa de awa-ynia, etc., o qual verifica que ma- possui plena força negativa. Os fatos apresentados sob rubrica de concordância negativa, representam restrições de co-ocorrência relacionadas com negação em senteças encaixadas. Existem também restrições em sentenças independentes, as quais passamos a analisar.

4.c. Restrições de co-ocorrência. Cabe aqui uma discussão de certos afixos que são controlados por NEG sem representarem exemplos de concordância. É interessante observar dois pares ilustrativos do fato da negação interagir com outros itens no seu ambiente, em maneiras diferentes da restrição de co-ocorrência. Não compete ao presente estudo, porém, a análise de tal interação.

(37) awa-ika	VS	na-awa-ika
ser-jã		NEG-ser-jã (?)
Jã hã.		Jã não hã.
(38) awa-panika	VS	na-awa-panika
ser-ainda		NEG-ser-ainda (?)
Ainda hã.		Ainda não hã.

A interação de NEG com os afixos temporais resulta na mudança semântica observada. Vejamos agora três exemplos de restrição de co-ocorrência.

(39) na-ny-sy-põã

NEG-eu-ir (depreciação enfática)

Absolutamente, eu não vou (ã miserável festa)

- põã pode ocorrer somente em companhia de NEG

(40) na-py-nika-pany

NEG-você-comer-IMP (cessação)

Pare/deixe de comer!

- pany pode ocorrer somente em companhia de NEG

(41) py-nika-pe-ka

VS na-py-nika-pe

você-comer-IMP-real

NEG-você-comer-IMP

Coma!

Não coma!

- ka não pode co-ocorrer com NEG (nem com INT.) mas ẽ comum em outros ambientes.

Somente negação de sentença, kone, pode ocorrer em (37)-(41); negação de tema, ma-, não pode ocorrer e portanto, não se relaciona com os afixos acima analisados. Em outra situação, podem co-ocorrer ma- e -ka. -põã, -pany e a ausência obrigatória de -ka, serviriam como teste sintático de negação se houvesse alguma coisa a ser testada.

5. Elevação de negativo

É geralmente aceito o fato de ser elevação de negativo uma regra menor aplicável a pequeno número de verbos de opinião ou intenção.¹³ Se admitirmos que verbos como "acreditar", "imaginar", "esperar", ou "supor" não estejam sujeitos à regra, quando possuem seu significado nuclear e sim quando considerados sinônimos de "pensar", o alcance da regra pode ser menor do que comumente se achava.

Em Apurinã, o verbo "acreditar", não tem o significado mais lato de "pensar".

(42) (A) ?nawykary Pedro wai ma-awakany

eu-acreditã-lo Pedro aqui NEG estando

Acredito que Pedro não está aqui.

(B) na-nawykary Pedro wai awini

NEG eu-acreditā-lo Pedro aqui estando

Não acredito que Pedro esteja aqui ¹⁴

(A) Apresenta uma feição peculiar - tal exemplo ocorreria somente durante uma discussão sobre a presença de Pedro e em resposta à pergunta direta, "O que você acredita?"; a resposta seria nawykary y-ma-awakany, "Acredito o não-estar dele", sendo a forma completa, (A), apenas uma reafirmação violenta e exasperada após recusa da primeira resposta. "Acreditar" constitui declaração de forte convicção tanto em (A) como em (B). (B) se lê de uma maneira sã; nega-se o verbo principal. (B) seria usado somente se uma outra pessoa tivesse declarado que Pedro estava presente e o ouvinte quisesse rejeitar tal declaração. wyka não está sujeito a elevação de negativo.

A maneira normal de expressar "acho que ...", em Apurinã é:

(43) (A) nota mony kone wai awari Pedro.

eu a NEG aqui estar Pedro

Ao meu ver, Pedro não está aqui.

(B) kone nota mony wai awari Pedro

NEG eu a aqui estar Pedro

Não é ao meu ver que Pedro esteja aqui.

Surgem dois obstáculos à elevação de negativo aqui. Não há S encaixada, por isso elevação é inviável. (B) é forma marcada - notamony é constituinte, e logo que kone lhe é anteposto resulta negação de constituinte (v. págs..), a qual enfoca o referido constituinte, impossibilitando qualquer leitura variante. Outros exemplos com opinião terão padrão semelhante a (42) ou (43), por isso não aparece motivação para elevação de negativo com relação a esta sub-classe.

As discussões de elevação de negativo em português costumam iniciar-se com séries de sentenças como:

(44) (A) Roberto acha que Jaime não gosta de Susana.

(B) Roberto não acha que Jaime gosta de Susana.

Declara-se que uma leitura variante de B é idêntica à de A e que em tal caso a negação se vincula à sentença encaixada. Mas se são essencialmente equivalentes uma da outra, não será por causa de serem naquela interpretação de B equivalentes lógicas (X acha que Y não gosta de Z \equiv X não acha que Y gosta de Z)? Em tal caso, pode ser arbitrária a escolha de estrutura profunda? I.e., pode-se estipular uma regra de rebaixamento de NEG em vez de elevação de NEG. Em português, o fato de A ter somente uma interpretação, não sendo o significado fundamental desta a interpretação equivalente de B, parece motivo suficiente para a afirmação de que estrutura profunda de A é fundamental; não deve supor-se, porém, que outras línguas tenham o mesmo padrão. Tal é o caso da língua Apurinã.

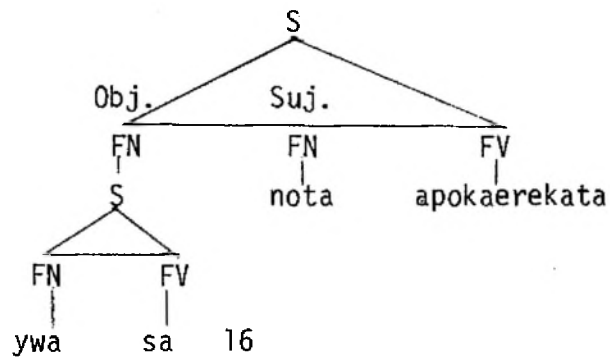
Passemos agora a ver a sub-classe de verbos que compõe a área de intenção.

- | | |
|---|--|
| (45) (A) nynyrekakary y-ma-sykany
eu-querê-lo dele-NEG-indo
Quero que ele não vã. | (C) nynyrekakary ysini
eu-querê-lo dele-indo
Quero que ele vã. |
| (B) na-nynyrekakary ysini
NEG-eu-querê-lo dele-indo
Não quero que ele vã. | (D) na-nynyrekakary y-ma-sykany
NEG-eu-querê-lo dele-NEG-indo
Não quero que ele não vã. |
| (46) (A) napokaerekatary y-ma-sykany
eu-gostar-dele dele-NEG-indo
Gosto que ele não vã. | (C) napokaerekatary ysini
eu-gostar-dele dele-indo
Gosto que ele vã. |
| (B) na-napokaerekatary ysini
NEG-eu-gostar-dele dele indo
Não gosto que ele vã. | (D) nna-napokaerekatary y-ma-sykany
NEG-eu-gostar-dele dele-NEG-indo
Não gosto que ele não vã. |

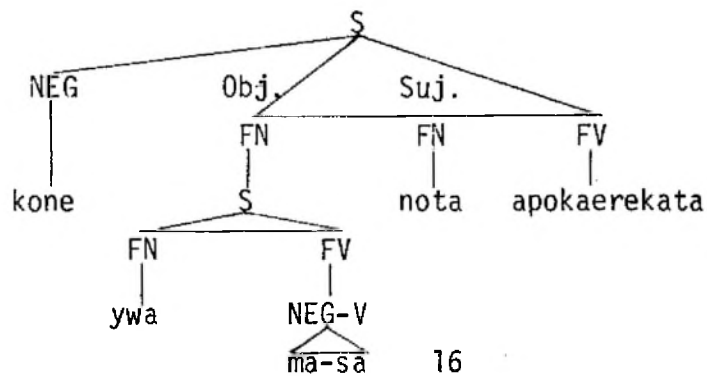
As formas (A) são sinônimas ou logicamente equivalentes às formas (B), e as (C) às (D), no sentido de não poder existir uma situação em que (45)(A) seja certo e (45)(B) incorreto, ou vice-versa, e assim também no caso de (45)(C) e (45)(D). Porém, não podem ser usados de maneira intercambiável. As sentenças (B) são as formas normais, não-marcadas, usadas na declaração de uma observação. As sentenças (A) são marcadas como respostas a uma observação ou pergunta. Na outra série, as sentenças (C) são as formas normais, não-marcadas, usadas na declaração de uma observação, ao passo que as (D) são marcadas como

respostas. Se uma pessoa fosse dizer, "Pedro não vai à festa", o ouvinte não poderia responder as palavras de (46)(C), "Gosto que ele vā"; (46)(D), porém, seria uma resposta apropriada e gramatical na língua Apurinã: "Não gosto que ele não vā". Qualquer gramática que não explicasse e controlasse esta distinção seria inadequada. Mas mesmo se alguém quisesse considerar sinônimas (C) e (D), poder-se-ia afirmar que qualquer delas pudesse ser derivada da outra mediante uma série de regras T? Quais as condições que assinalariam a adição (ou supressão) de dois negativos em níveis diferentes? Parece-nos que (46)(C) e (D) devem apresentar estruturas profundas diversas.¹⁵ p.ex.:

(46)(C')



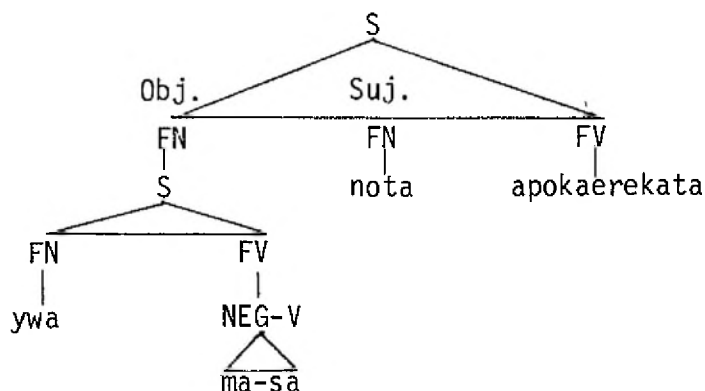
(46) (D')



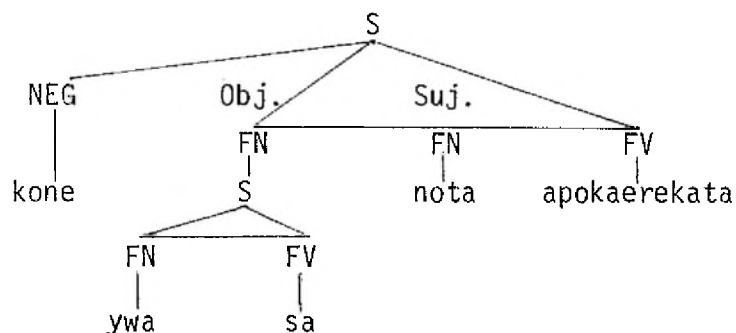
Temos analisado primeiro a série (C)(D) por ser este um caso mais nítido. Voltemos agora à série (A)(B). (46)(A) seria uma resposta apropriada à de

claração "Pedro não vai à festa". Embora não inviável (como 46C), (46)(B) seria bastante insólita. (45)(B) seria essencialmente impossível, ao passo que (45)(A) seria bem apropriada. A resposta à pergunta "O que você quer?" teria que aparecer sob forma de (A) ou (C). A resposta a perguntas polares se apresentariam sob formas de (A) ou (D), ou de (B) ou (C), conforme o gerúndio escolhido na pergunta. Já que no caso de qualquer língua em uso normal por falantes nativos, é verdade que toda sentença tem contexto cultural e situacional além do seu contexto linguístico, é enganadora qualquer gramática baseada em sentenças consideradas isoladamente. A série (C) e (D) ilustra o fato de haver casos em que os equivalentes lógicos não podem nem devem ser derivados de base comum. Embora a série (A) e (B) não seja de tão nítida análise como a outra, parece não haver motivo de supor para estas sentenças uma base comum. Se alguém quisesse estipular tal base, porém, deve ser considerada fundamental (A) ou (B)? (B) é forma não-marcada, mas se fosse escolhida, seria preciso uma regra de rebaixamento de NEG. Deve escolher-se (A) simplesmente para conservar a elevação de NEG? Mas não é preciso escolher. Embora (A) e (B) sejam logicamente equivalentes (considerados em isolamento), não são semanticamente idênticos, e além disso, apresentam distribuição bem diferente. Parece evidente que seria inadequada qualquer gramática da língua Apurinã que empregue elevação de NEG. São estipuladas, pois, diversas estruturas profundas para (A) e (B). P.ex.:

(46) (A')



(46) (B')



6. Recapitulação

O presente estudo tem como objetivo uma apresentação razoavelmente completa e correta da negação em língua Apurinã. Acabamos de analisar a evidência para quatro tipos de negação -- os de supra-sentença, sentença, constituinte e tema -- dos quais até três podem co-ocorrer, com exceção da mútua exclusividade de negação de sentença e constituinte. Já examinamos a través dos exemplos apresentados o fato de ser assinalado pela sintaxe o alcance da negação e das restrições de co-ocorrência a esta relacionadas. Notamos que, embora existam testes sintáticos de negação, não fazem falta na língua Apurinã, ou pelo menos até hoje não se evidencia tal necessidade. De interesse teórico é a demonstração de que o modelo G-T deve-se estender além da sentença e que a elevação de NEG parece não ser motivada em Apurinã - embora regra secundária tenha sido anteriormente considerada universal. Tal conceito de universalidade usado em diversos sentidos, deve ser submetido a novo exame e sua definição refinada, em nossa opinião: Existem universais absolutos ou incondicionais, aplicáveis a toda língua natural falada no mundo. Há outros universais relativos ou condicionais, aplicáveis a todos os idiomas que apresentam também outra determinada característica. Se a elevação de NEG resultar universal, uma vez recolhidos todos os dados existentes, é de supor que seja do segundo tipo.

NOTAS

1. O Apurinã (Ipurinã) é geralmente considerado membro do ramo pré-andino, da família lingüística Aruaque. É falado por uma população de aproximadamente 1.000 pessoas espalhadas numa área de 1.500 quilômetros, ao longo do Rio Purus no estado do Amazonas. O material para o presente estudo foi recolhido durante várias estadias do autor na tribo Apurinã, sob auspícios do Instituto Lingüístico de Verão, em convênio com o Museu Nacional do Rio de Janeiro e com a FUNAI (MINTER), Brasília, DF.

2. Parece procedimento marcado a elaboração de uma pergunta tão exigente, que o ouvinte se sinta obrigado a responder como o mesmo verbo empregado nela. Em tal caso, a resposta será iniciada com a palavra "sim".

(2) (A) kotary pykamananyta?

cesta você fazendo (INT)

Você está fazendo uma cesta?

(B) ari, kotarynykamananyta.

Sim, cesta, eu fazendo.

Sim, estou fazendo uma cesta.

3. Edward Klima, "Negation in English", J. Fodor e J. Katz eds., The Structure of Language, Englewood Cliffs, N.Y. (EUA); Prentice-Hall, Inc., 1954.

4. Não sigo a Katz e Postal (An Integrated Theory of Linguistic Descriptions) em estipular um advérbio de sentença por dois motivos. Mesmo que fosse advérbio, seu alcance ou relação não atinge a S a que está vinculado, e por isso permanece o problema. Além disso, não parece haver motivo para interpretar kone diferentemente aqui que em outros ambientes. kone assinala negação, claramente. Numa discussão muito séria ou intensa, costumam esquecer-se de certas convenções conversacionais de praxe. P.ex.:

(A) petamatatary ywa okiniry?

você-ver-INT-o dele matando-o

Você o viu matá-lo?

(B) kone
Não.

kone pode até receber flexão para fins enfáticos. P. ex.:

(A) pynikatary ākitixini?

você-comer-INT-a carne-de-onça

Você come carne de onça?

(B) konepitini, na-nynikawytyry

NEG-enf. NEG-eu-comer-de fato-a

De jeito nenhum! Não como, não.

5. Para defesa do ardem OSV, vide meu trabalho "Gapping and Constituent Order in Apurinã".

6. Para discussão do raciocínio de pressupor-se tal forma na estrutura profunda, vide meu estudo "Relativização em Apurinã". O controle de anáfora e outros elementos coesivos, exige também um modelo capaz de estender-se para além da sentença.

7. Vide "Gapping and Constituent Order in Apurinã", e "Command in Apurinã", estudos inéditos arquivados na FUNAI e no Instituto Lingüístico de Verão, Brasília, D.F.

8. Vide "Interrogativos em Apurinã".

9. Por que devem ser consideradas normativas as línguas européias? Ou por que deveria esperar-se que outros idiomas não-relacionados tratassem a negação de maneira semelhante? "Nem isto nem aquilo" se expressa em Apurinã como "não isto não aquilo". Não há necessidade lógica da proliferação de termos negativos exibidos no inglês e no português, e conseqüentemente não há motivo para outro idioma expressar ou não as mesmas distinções através de um só termo negativo. Não entram, pois, em questão, para tal idioma os critérios de negação, já que não há necessidade de motivar ou defender a representação de várias palavras negativas por um só NEG na estrutura profunda (como em inglês). É claramente idiossincrática a síndrome "algum/qualquer" em português -- não há motivo lógico para não usar-se um só termo para ambos os conceitos, como em Apurinã. A suposta polaridade negativa de "até" é, porventura, simples engano. Demonstra-se a interação de negação com o verbo

pelo fato de que uma mudança no verbo modifica o padrão -- permanece constante a função ou significado de "até".

10. "Relativização em Apurinã". Lá se analisam também as regras de relativização.

11. Traçamos as sentenças mais profundas como se kama fosse predicado de uma posição, quando na realidade é de duas. Porém, não há possibilidade de um objeto subjacente ganhar forma de adjetivo na superfície. Poder-se-ia estipular PRO como objeto da cláusula verbal subjacente -- reduzida uma cláusula transitiva a adjetivo, apaga-se o objeto.

12. "Relativização em Apurinã", (págs. 1-2 e notas de roda-pê 2 e 4)

13. CF. L. Horn, "Negative Transportation: Unsafe at any speed?" CLS 7 (1971). R. Lakoff, "A Syntactic Argument for Negative Transportation" CLS 5 (1969) et J. M. Lindholm, "Negative-Raising and Sentence Pronominalization". CLS 5 (1969) etc.

14. Não é completamente convincente o fato de uma série equivalente de sentenças em português constituir um caso de elevação de NEG, comparem-se:

A. Não acho que João esteja aqui. ou Não acredito que João esteja aqui.

B. Acho que João não está aqui. ou Acredito que João não está aqui.

O uso de um enunciado tipo A com pronúncia não-marcada não constitui declaração acerca de uma crença ou opinião -- é simplesmente uma gentil maneira ou tentativa de dizer, "João não está aqui". Se alguém então fosse perguntar "O que você disse?", a resposta provavelmente seria a forma direta, "João não está aqui." Segue logicamente que a estrutura profunda não tenha sentença encaixada, não sendo elevada ou rebaixada a negação; em vez disso, o resto da proposição, "João está aqui", é rebaixado a cláusula encaixada como expressão de cortesia. Se o falante usa um enunciado tipo B, sua crença ou opinião figura na declaração, embora não fortemente dada uma pronúncia não-marcada. Em tal caso, a estrutura profunda iria conter uma cláusula encaixada, a qual se vincularia a negação, mas sem haver elevação desta.

15. Como resposta a "Pedro não vai à festa", não seria inviável (45)(C); seria porém, altamente marcada -- um equivalente aproximado em português seria "Mas, quero que ele vá!". A resposta normalmente esperada (das duas) seria (45)(D). Mais uma vez, são indicadas diversas estruturas profundas.

16. Ainda não se elaborou a regra de redução de cláusula verbal a gerúndio; tal regra, porém, deve ser análoga a nominalização.